

Uma leitura do conto “Corujas”, de Caio Fernando Abreu, através da filosofia de Jacques Derrida

Simone Damasceno Guardalupe⁸⁸

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o conto “Corujas”, do escritor Caio Fernando Abreu, através da filosofia de Jacques Derrida. Em suas palestras, o filósofo francês apresenta conceitos pertinentes no que tange à categoria da alteridade, como a percepção, a hospitalidade e a animalidade. Tais conceitos podem ser observados no conto “Corujas”, pois nesse texto há uma crítica ao comportamento do homem diante do outro, que, nesse caso, se trata de um casal de corujas.

Palavras-chave: animal, ser humano, consciência, violência, alteridade.

Abstract: This work intends to analyze the short story "Owls", the writer Caio Fernando Abreu, through the philosophy of Jacques Derrida. In their talks, the French philosopher presents relevant concepts in relation to the category of otherness, as perception, hospitality and animality. These concepts can be seen in the story "Owls", because in this text there is a criticism of human behavior on the other, in this case, it is a couple of owls.

Keywords: animal, human being, consciousness, violence, otherness.

⁸⁸Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

O filósofo francês Jacques Derrida, filósofo da desconstrução, dedicou-se, em diversos textos de amplo espectro, a abalar as dicotomias presentes nas correntes de pensamento. Derrida apresenta em suas palestras conceitos pertinentes no que tange à categoria da alteridade, como a percepção, a hospitalidade e a animalidade. Tais conceitos podem ser observados no conto “Corujas”, do escritor Caio Fernando Abreu. Nessa obra há uma crítica ao comportamento do homem diante do outro, que, nesse caso, se trata de um casal de corujas. Observa-se que a percepção, a memória e a confissão, temas adjacentes à animalidade, são questões levantadas pelo escritor através do texto. Além disso, temas como a percepção e a ética em relação aos animais também podem ser observados em “Corujas” por meio da consciência do narrador sobre a acolhida desses animais em sua casa e do tratamento a eles dispensado.

Caio Fernando Abreu apresenta em sua literatura uma forte presença de temas ligados à percepção, principalmente em relação ao olhar o outro, o que pode ser associado à alteridade. Para o presente trabalho, propomos a análise de um texto específico do escritor sul-rio-grandense, o qual envolve a alteridade relacionando-a à questão do animal.

O conto “Corujas”, presente na obra *O inventário do irremediável*,⁸⁹ de 1995, apresenta-nos a narração de um homem adulto que relembra e confessa as atitudes dele e de sua família diante da chegada de um casal de corujas em sua casa. E, através dessas memórias, o narrador reflete sobre o egoísmo, a falta de consideração em relação ao outro, a crueldade do ser humano que se utiliza dos outros seres para obter vantagens, como a retirada do habitat natural das corujas para caçar baratas na casa de sua família. Desse modo, a percepção do outro, a hospitalidade e a ética no que se refere ao tratamento dispensado aos animais são

⁸⁹ Essa obra do escritor Caio Fernando Abreu foi publicada em 1970 sob o título de *Inventário do Irremediável* e reeditada e republicada pelo escritor em 1995, sendo alterado o título da obra para o *Inventário do Irremediável*.

temas importantes que observamos no texto de Caio F⁹⁰., os quais se aproximam da filosofia de Derrida, tornando, assim, relevante a presente análise do conto “Corujas”.

Na obra *O animal que logo sou (a seguir)*, Derrida apresenta-nos diversas questões acerca do tratamento dispensado aos animais. Sua reflexão sobre a animalidade começa, segundo o filósofo, ao ver-se olhado pelo seu gato no banheiro. O olhar do gato incomoda Derrida, despertando inúmeras reflexões que envolvem tanto o pudor quanto a percepção e o modo como o ser humano habituou-se a tratar o outro - nesse caso o animal. Já no conto “Corujas”, observamos que também há uma troca de olhares entre o homem e o animal, nesse caso, um casal de corujas e que o olhar desses animais também proporciona várias reflexões na vida do narrador do conto.

Em *O animal que logo sou (a seguir)*, Derrida, começa interrogando-nos se o animal nos olha. E que animal seria esse? Tais questionamentos são desencadeados no intuito de fazer correspondência entre a dicotomia homem x animal, e o que diferencia o ser humano dos animais:

Frequentemente me pergunto, para ver quem sou eu - e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim dificuldade de vencer o incômodo (DERRIDA, 2002, p.15).

Ao longo do texto, Derrida questiona aspectos referentes ao pudor, à nudez, ao poder e à violência humanas. A primeira questão sobre o pudor relaciona-se ao sentimento de ser visto pelo outro: “é como se tivesse vergonha, então nu diante do gato, mas também vergonha de ter vergonha” (2002, p.16). Segundo o filósofo, a vergonha nesse caso estaria no homem, como propriedade desse ser. O animal desde, sempre desnudado, não sente vergonha, não tem consciência de pudor: “assim, nus sem saber, os animais não estariam” (2002, p.17). O ato de vestir-se,

⁹⁰ Caio F. é uma outra forma de assinatura que Caio Fernando Abreu utilizava em seus textos. Nesse trabalho, apresentaremos as duas formas de assinatura do escritor.

assim como o pudor, seriam próprios da consciência do ser humano. O filósofo apresenta-nos “duas nudezes, sem nudez”, pois, segundo ele, o animal estaria na não nudez por que nu e o homem na nudez, condição segundo a qual ele não é mais nu. A primeira nudez sem nudez seria a do animal enquanto nu, sem consciência; já a segunda corresponderia à nudez da consciência do homem, condição em que ele não é mais “nu”, sem consciência. Ou seja, o animal não tem consciência de si e de seus atos, está “nu”; enquanto o homem, um ser consciente de suas atitudes, tem consciência de sua “nudez” e deveria nessa medida ter consideração e comprometimento em relação ao outro e às crueldades que o ser humano pode cometer.

O sentimento de desconforto e pudor em relação ao outro pode ser observado no conto “Corujas”, de Caio F., pois o narrador, ao deparar-se com o olhar das corujas, sente-se mal. O mal-estar do narrador não é em relação ao pudor do corpo, mas refere-se a suas atitudes enquanto um ser “consciente” que se torna cruel com o outro a fim de obter vantagens:

O fato é que tínhamos medo, ou quem sabe alguma espécie de respeito grande, de quem se vê menor frente a outros seres mais fortes e inexplicáveis. Medo por carência de outra palavra para melhor definir o sentimento escorregadio na gente, de leve escapando para um canto da consciência de onde, ressabiado espreitaria. E acreditávamos então pelo caminho fácil, tentando suavizar o que não era suave. Recusando-lhes o mistério, recusávamos o nosso próprio medo e as encarávamos rotulando-as sem problemas como “irracionais”, relegando-as ao mundo bruto a que deviam forçosamente pertencer. O mundo de dentro do qual não podiam atrever-se a desafiar-nos com o conhecimento de algo ignorado por nós (ABREU,1995, p.27).

Para o narrador do conto e para sua família, o olhar dos animais que foram retirados de seu habitat natural para exterminar as baratas da residência onde moravam é como se

fosse um olhar de reprovação das atitudes desses seres humanos. A consciência aparece nesse conto não ligada à questão de pudor sexual, como no texto de Derrida, mas a um pudor de atitudes negativas.

O “remorso” é um sentimento que emerge na consciência dos familiares do conto, mas que logo é substituído pelas ideias de irracionalidade e de brutalidade atribuídas aos animais. Nesse sentido, os familiares do narrador utilizam-se dessas ideias como uma “desculpa” para todas as atitudes realizadas contra os animais: “Pois orgulhosos, não admitiríamos que vissem ou sentissem além de seus limites. Condicionadas a seus corpos (...) elas não poderiam ter mais do que lhe seria permitido por nós, humanos” (ABREU, 1995, p.27-28).

A percepção é um elemento forte tanto no conto de Caio Fernando Abreu como na obra *O animal que logo sou (a seguir)*, porque é através do ato de olhar e de ser olhado pelo outro que o ser humano começa a refletir sobre sua condição e a condição de quem está a sua frente, seja o gato que observa Derrida, ou mesmo as corujas que observam o narrador.

O olhar das corujas em direção ao narrador e à sua família desvela o que está no íntimo dos personagens, nesse caso, o sentimento de culpa e de arrependimento frente ao padecimento do casal de animais, como observamos na passagem a seguir:

Sem esperar, de repente, a gente deparava com o olhar amarelo fixo duma – perturbando, interrogando, confundindo. A acusação muda fazia com que me investigasse ansioso, buscando erros. E punha-me em dia comigo mesmo, para me apresentar novamente a elas de banho tomado, unhas cortadas, rosto barbeado, cabelo penteado – na ilusão de que a limpeza externa arrancasse um aceno de aprovação. Mas eu sabia – embora obstinado recusasse a convicção até o último minuto –, sabia que seu olhar ultrapassava a roupa, pele, carne, músculos e ossos para fixar-se num compartimento remoto, cujo conteúdo eu mesmo desconhecesse (ABREU, 1995, p.29-30).

Nesse trecho do conto, novamente observamos o entrecruzamento das reflexões de Derrida em *O animal que logo sou (a seguir)* e o conto de Caio Fernando Abreu, principalmente no que se refere ao pudor e à consciência do ser humano. Mesmo vestindo-se e cuidando da limpeza exterior de seu corpo, o narrador percebe que estará sempre “nu” diante das corujas, pois o olhar desses animais fornece pistas por meio de uma linguagem cujos índices trazem à tona o conteúdo de proximidade com um sempre outro, que é característico do mundo animal.

O olhar também está presente em outra obra de Jacques Derrida, intitulada *Pensar em não ver*. Nessa obra, o filósofo aponta questões acerca do visível e do invisível, dos olhos videntes e dos olhos visíveis, assuntos que ele volta a mencionar na obra *O animal que logo sou (a seguir)*.

Ver olhos videntes é tão perigoso quanto ver o Sol. É ver o invisível. Em geral, é o que se evita. Sabe-se que o que conta é ser olhado, mas isso dá medo, até mesmo ser olhado por si mesmo. Queremos ver o que é visível, mas não queremos ver o que nos olha. E que é visível *como* vidente invisível (DERRIDA, 2012, p.82).

Nesse sentido, podemos dizer que o filósofo sustenta que, ao mesmo tempo em que necessitamos olhar e ser olhado, essa operação causa-nos o medo, porque não queremos ver o que nos olha. Ver os olhos videntes, os olhos que nos observam é tão perigoso quanto ver o Sol⁹¹, porque nesse caso chegamos perto do que é invisível, ou o que para nós é invisível, como o sentimento de culpa e a crueldade de que o ser humano é capaz de se aliar para proporcionar maiores benefícios para si mesmo, como observamos no conto “Corujas”.

⁹¹ Podemos fazer uma referência com a metáfora do Sol, como símbolo do conhecimento e ao Mito da Caverna, no qual o homem condicionado à escuridão, quando vai em direção ao Sol, ao conhecimento. Ver o Sol ou ter o conhecimento pode ser perigoso, por apontar aspectos negativos de nossa existência, como a alienação e a indiferença em relação ao outro.

A percepção presente na obra derridiana se assemelha com a filosofia de Merleau-Ponty, na qual o conhecimento se faz através da interação entre corpo e mundo, e que os mesmos olhos que veem também são vistos. Para Merleau-Ponty (1971) é através do olhar que experienciamos o mundo e, que a prática da reflexão seria um “desembaraçar de percepções”. Nesse aspecto, os dois filósofos dialogam com o que o narrador do conto “Corujas” revela através de suas memórias, porque após o padecimento dos animais, sua forma de ver o mundo se modifica, principalmente ao sentir-se olhado pelas corujas, ao sentir-se julgado pelos animais:

Tinham um olhar dentro, de quem olha fixo e sacode a cabeça, acenando como se numa penetração entrassem fundo demais, concordando, refletidas. Olhavam fixo, pupilas perdidas na extensão amarelada das órbitas, e concordavam mudas. A sabedoria humilhante de quem percebe coisas apenas suspeitas pelos outros. (...) O fato é que tínhamos medo, ou quem sabe alguma espécie de respeito grande, de quem se vê menor frente a outros seres mais fortes e inexplicáveis (ABREU, 1995, p.27).

Ao se sentirem diminuídos frente ao casal de corujas, e ao tentarem adentrar no olhar dos animais para saberem seus sentimentos, os familiares estão de certo modo reconhecendo o sentimento de culpa pelo padecimento desses animais. Dessa maneira, os familiares reconhecem sua condição pautada pelo egoísmo e pela crueldade:

O homem que as trouxe informara minha mãe de seu orgulho: feridas em liberdade, faziam greve de fome até a morte. Com a imanência de seu suicídio, planejamos soltá-las no campo (...). As asas cortadas, porém, exigiam tempo para crescer novamente (...) Não nos restava mais nada senão esperar, por sua morte ou sua capitulação. Quem as visse, convictas em seu desfilar faminto, poderia imaginá-las carregando cartazes de protesto. Contra quê? Contra

quem? Perguntávamos temerosos da resposta óbvia (ABREU, 1995, p. 31-32).

O olhar está associado com o que está visível e, também, com o que está invisível, como os sentimentos dos personagens, e com o que eles não podem ver, como a crueldade da família com o casal de corujas - essa que é revelada através do sofrimento e do “olhar protestante” desses animais em direção aos familiares.

Jacques Derrida também trata da questão da hospitalidade em sua filosofia. A obra *O animal que logo sou – a seguir* articula-se à essa questão em relação à acolhida dos animais, como observamos na passagem:

A questão do que chamamos animal. (...) *Estar depois, estar junto, estar perto de*, eis, aparentemente, diferentes modalidades do estar, em verdade, *estar-com*. Com o animal (...). Ele tem seu ponto de vista sobre mim. O ponto de vista do outro absoluto, e nada me terá feito pensar tanto sobre alteridade absoluta do vizinho, do próximo quanto os momentos em que eu me vejo nu sob o olhar do gato (DERRIDA, 2002, p.27-28).

Nesse sentido, o autor de *O animal que logo sou – a seguir* faz uma crítica ao assujeitamento dos animais pelo homem. Essa crítica pode ser associada ao que Derrida aborda em outro trabalho, *Da Hospitalidade*, no qual há a questão do tratamento do estrangeiro⁹².

No conto de Caio F., observamos a hospitalidade no que se refere à acolhida do casal de corujas. O outro, o estranho à família e ao ambiente é visto como um ser que deve sujeitar-se aos modelos impostos pelo homem. Sendo assim, podemos apontar a poda das asas dos animais, a manipulação de seus corpos e

⁹² “Estrangeiro” não se refere apenas ao que vem de outro lugar, mas no sentido de não ser familiar: “a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (...), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir (...) sem exigir dele a reciprocidade (a entrada num pacto) nem mesmo seu nome.” (DERRIDA, 2003, p.23-24).

comportamento e a nomeação dos animais como formas de moldar o estrangeiro:

As crianças disputavam sua posse (...). Disputavam também a primazia de batizá-las, ignorando que o anonimato fazia parte de sua natureza. Nessa ignorância, chamaram-nas de Tutuca e Telecoteco. Pisquei o olho para elas, rindo da ingenuidade, tentando penetrar em sua intimidade, cada vez mais negada. (...) Secretamente reivindicava para mim seu batismo e posse, investigava almanaques em busca do nome que melhor assentasse. Chamá-las de alguma coisa seria dar um passo no caminho de seu conhecimento, como se sutilmente as fosse amoldando à minha maneira de desejá-las (ABREU, 1995, p.30).

O casal de corujas é utilizado como um instrumento de extermínio das pragas da residência dos familiares do narrador, como um brinquedo por ele e pelas demais crianças da casa, como um objeto que pode ser manipulado pelos visitantes. Os familiares não enxergam as corujas como seres que têm sua própria natureza, mas as enxergam como um objeto sobre o qual ela tomou “posse”, e, nesse sentido, a posse passa a ideia de desrespeito contra natureza das corujas até alcançar a “nomeação” desses animais, como uma tentativa de incorporá-las, trazê-las para a existência.

O estrangeiro, visto como uma ameaça e com estranhamento pode ser observado na passagem que conta a reação com a chegada das corujas na casa da família. A ignorância do pai, a aproximação da mãe, o medo das crianças são percepções desencadeadas em relação ao outro, ao desconhecido, ao esdrúxulo ou ao estrangeiro.

Meu pai no entanto não lhes deu atenção. Constatou-as e passou adiante, em direção ao banheiro. Minha mãe sorriu-lhes (...) Foram as crianças as primeiras a hesitar, num recuo que seria ofensa se pertencesse à gente grande. Crianças trocaram assombros frente à estranheza dos

bichos nunca antes vistos (...) Aparentemente satisfeitas, compenetraram-se em cerca-las de uma ternura meio brusca. Aquela mesma dispensada às bonecas novas, que em pouco tempo restavam espatifadas em braços e pernas pelo quintal (ABREU, 1995, p.28-29).

O medo, o pudor, o estranhamento desencadeado com a chegada dos animais e principalmente através do convívio. A nomeação é uma questão importante a ser observada, pois é um dos meios dos quais a família “apossa-se” do casal de corujas: “Finalmente achei. Eram nomes de criaturas estranhas, indecifráveis como elas, já perdidas no tempo, misteriosas até hoje. Rasputin e Cassandra. Calei a descoberta, ocultei o batizado, apropriando-se cada vez mais de sua natureza” (ABREU, 1995, p. 31).

A nomeação dos animais juntamente com a poda das asas são a tentativa do ser humano de moldar e de exercer seu poder sobre o animal. O simbolismo do voo merece atenção especial no conto “Corujas”: há o impedimento do voo/ liberdade dos animais através da poda de suas asas, o que gerou a infelicidade dos animais e conseqüentemente sua morte:

Com a uminência de seu suicídio, planejamos soltá-las no campo. Quase podia vê-las erguendo-se de leve num voo contido, experimentando forças, as asas abrindo-se aos poucos numa subida lenta. Fundidas em azul, subindo, subindo. (...) Desejei comunica-las sua libertação, mas a ineficiência de gestos e palavras isolou-me um mutismo para elas incompreensível. Éramos definitivamente incomunicáveis. Eu, gente, elas, bichos, corujas, mesmo batizadas em segredo (...) qualquer nome não modificaria a sua natureza. Nunca. Corujas para sempre (ABREU, 1995, p.32).

Em *O animal que logo sou - a seguir*, Derrida também trata da questão da violência e do poder do homem em relação ao animal, como observamos na passagem:

O homem instaura ou reivindica de uma só vez sua *propriedade* (o próprio do homem que tem efetivamente como próprio o não ter um próprio), e sua *superioridade* sobre a vida dita animal. Esta última superioridade, superioridade infinita e por excelência, tem o próprio ser ao mesmo tempo *incondicional* e *sacrificial* (DERRIDA, 2002, p.44)

A nomeação também é uma forma de o homem exercer o poder sobre o animal. A poda das asas, a retirada do habitat natural, a fome dos animais, a domesticação, a utilização desses seres como objeto de divertimento para a família no conto são exemplos de violência que observamos contra os animais e também da tentativa de estabelecer o poder e a superioridade do ser humano em relação aos outros seres.

Derrida, ao falar sobre a manipulação dos animais, declara que verdadeiros genocídios são causados pelo homem contra os animais. Muitas dessas mortes, segundo o filósofo, são desencadeadas através de testes ou experiências que têm como propósito o benefício para a humanidade: “violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete há dois séculos a vida animal (2002, p.53).

O desrespeito à natureza dos animais e a utilização e manipulação de seus corpos são atos cruéis que revelam como o ser humano apropria-se dos outros, sejam animais ou humanos, para obter vantagens. O genocídio que Derrida aponta em relação aos animais também pode ser estendido às crueldades cometidas contra o ser humano, como por exemplo, o que ocorreu no Holocausto. A consciência, um dos aspectos que diferencia o ser humano do animal, nesse caso, é relegada em detrimento aos “benefícios” para a humanidade. Sendo assim, podemos dizer que “Corujas” apresenta-nos um exemplo da falta de consciência em relação ao outro através do modo como o ser humano trata o casal de animais a fim de beneficiar-se com a sua utilização na caça de baratas e nas brincadeiras das crianças da família.

A memória e a confissão são elementos presentes na filosofia derridiana que podem ser observados no conto “Corujas”, pois o narrador relembra um fato de sua infância, uma “marca” que o acompanha por sua vida, assim como o corte feito nas asas das corujas, que as impediram de voar e de voltar para seu ambiente natural. Nesse aspecto, a lembrança do padecimento das corujas faz o narrador confessar as atitudes egoístas dele e de sua família em relação a esses animais.

Podemos concluir que o conto “Corujas” possui muitas questões que podem ser analisadas por intermédio da filosofia derridiana. Tanto o conto como a obra *O animal que logo sou - a seguir* de Derrida abordam a questão do animal e do tratamento do ser humano em relação a esse outro ser. Contudo, podemos dizer que ambos textos nos fazem refletir não só sobre o animal, mas sobre o outro - o homem.

O que difere o ser humano do animal? A racionalidade? A afetividade? O poder? Como diferenciar o ser humano do animal, quando é o homem que tem uma atitude cruel em busca de um benefício? Como diferenciar o ser humano do animal quando este não reconhece a diferença e a autonomia do outro (seja homem ou animal)? Tais questionamentos são levantados através do pudor de Derrida, que se vê “nu” diante de seu gato e podem também ser percebidos na rememoração do narrador do conto de Caio F., que se vê “nu” em relação ao casal de corujas. A nudez em questão não é só física, mas também de consciência de alguém que vê o outro e se vê refletido no outro.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. *O inventário do ir-remediável*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Tradução, Anamaria Skinner; revisão técnica, Márcio Gonçalves, Caio Mario Ribeiro de Meira - Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1996.
- CARVALHAL, Tânia Franco. O encantador de serpentes da escrita. *Zero Hora*, Porto Alegre, 02 març.1996.p.03.

COELHO, Eulália Isabel. Domínio do Irremediável em Caio: Palavra/Imagem. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 197-217, jan./jun. 2006.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (A seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo. Editora UNESP, 2002.

_____. *Da Hospitalidade*. Entrevista concedida à Anne Duffourmantelle; tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. – São Paulo: Escuta, 2003

_____. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012. 480 páginas

_____. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução, Cláudia de Moraes Rego. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACIEL, Sônia Maria. *Corpo invisível: uma leitura filosófica de Merleau-Ponty*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Riberio de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosacnaify,

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PIVA, Mairim Linck. Múltiplas vozes de uma voz múltipla. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 225-233, jun. 2001.

_____. Um romancista do Sul: muito além do espaço. *Navegações*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 16-26, jan./jun. 2012.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: Ver e ser visto na psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004